



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

OTÁVIO D'ÁVILA BANDEIRA

(depoimento)

2014

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-447

Entrevistado: Otávio D'Ávila Bandeira

Nascimento: 04/06/1963

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte.

Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo, Gustavo Henrique Ribas Bernardi e Thales dos Santos Medeiros Collar

Data da entrevista: 25/08/2014

Transcrição: Gustavo Henrique Ribas Bernardi

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 79 minutos e 21 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Início da carreira como atleta de remo; Situação do esporte no Rio Grande do Sul. Clubes que frequentou; Situações que aconteceram como atleta de alto nível; Patrocínios ao longo da carreira; Polos de hegemonia no esporte; Participação nos Jogos Olímpicos; Modalidades do esporte e como funciona a convocação; Condições físicas e psicológicas; Estrutura dos Jogos Olímpicos; Repercussão dos Jogos Olímpicos em sua vida; Trajetória de trabalho; Mulheres no remo; Aspectos positivos e pontos negativos do esporte.

Porto Alegre, 25 de agosto de 2014. Entrevista com Otávio D'Ávila Bandeira a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Ola Otávio, gostaria de saber como foi a sua inserção no esporte?

O.B. – Eu comecei no remo com seis anos através do meu pai. Meu pai remava no GPA¹, clube de regatas de Porto Alegre. Eu e meu irmão, que é um ano e meio mais velho do que eu, íamos junto com ele, sempre na proa dos barcos. Eles iam sempre aos domingos e faziam café lá na ilha do GPA que é uma coisa comum, fazem até hoje e a gente ia junto. Daí saiu o gosto porque meu pai nadou e depois foi para o remo, chegou a competir em algumas provas, daí nasceu esse gosto e com oito anos eu, meu irmão, com um pouco mais, começamos a competir pelo GPA. Paramos porque não era treino, a gente remava, mas era criança. Até na época não era comum da nossa idade, tanto que foi uma briga para a gente conseguir remar e até hoje é meio complicado porque o remo é um esporte que tu tem que ter além de uma técnica boa, um vigor físico para carregar o barco, puxar o remo, têm vento e essas coisas. Não é um esporte muito fácil para a criança. Remávamos aos fins de semana e depois fui crescendo joguei basquete, futebol e com catorze anos nós voltamos a remar, eu e meu irmão no União². Tentamos lá no GPA, mas o pessoal achava que a gente não dava para o remo, porque a gente era muito magrinho e fomos para o União. Ficamos lá, remando, um início assim com uma ascensão meio rápida no esporte. Com o tempo se definiram as ambições, porque a princípio era esporte e a gente sonhava em ser campeão gaúcho, alguma coisa assim, correr uma regata em primeiro e tu vai alcançando teus objetivos e tu vai crescendo. E se torna um vício pelo menos no remo eu vejo assim, porque o pessoal que remou parece que é uma vacina, não consegue parar. O meu objetivo na verdade foi com o tempo ser campeão mundial e foi para isso que eu treinei a vida toda. A minha geração no Brasil era uma geração muito forte, muito boa, se tu pegar a nível nacional tinha o Ronaldo³ e Ricardo Carvalho⁴ que foram campeões Panamericanos⁵ e tinha o Ângelo Rosso⁶ e o Walter⁷ que tiraram quarto lugar na

¹ Clube de Regatas Guaíba Porto Alegre.

² Grêmio Náutico União.

³ Ronaldo Esteves de Carvalho.

⁴ Ricardo Esteves de Carvalho.

⁵ Ronaldo e Ricardo foram campeões dos Jogos Pan-americanos de 1983 e 1987.

Olimpíada. Tinha um outro pessoal do mesmo nível deles, mas que não tiveram resultados tão expressivos como esses deles, porque o remo como todo esporte no Brasil, com exceção do futebol, é uma brincadeira de quem tem vontade de fazer e foi isso.

C.M. – Quando você começou a competir mesmo?

O.B. – Com oito anos mesmo. Em 1972 eu corri a última Regata Internacional de Porto Alegre, tinha um pessoal da Europa, mas eu não lembro mais, porque era muito pequeno. Eu lembro da movimentação. Na época, eu não tinha dimensão, mas era uma competição importante. Lógico que a minha visão era do pessoal do União, do GPA Enfim foi a primeira prova que eu competi. Depois da parada com 14 ou 15 anos comecei a competir de novo.

C.M. – Como era a situação do esporte no Rio Grande do Sul. Tinha vários locais de prática?

O.B. – Na época que eu comecei a remar de novo, na segunda fase, lá no União comparado com hoje tinha muito mais gente. Para se ter uma ideia, a gente fazia eliminatória para correr regata não estadual, regata comum em Porto Alegre e tu tinha eliminatória dentro do clube de tanta gente que tinha praticando. Para correr Campeonato Brasileiro ou Copa Sul, que é um campeonato que eu nem sei se ainda existe que é Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Hoje o nível está muito fraco apesar do incentivo ser muito maior. Não é que tu tenhas incentivo, tu tens mais condições porque tu tens barcos maiores, mais facilidade para fazer intercâmbio. Na época que a gente remava não existia, era uma briga para conseguir fazer uma viagem. Teve um caso antes que eu fui correr e cheguei três dias antes do campeonato e fiquei dez dias depois disso quer dizer sem programação nenhuma, sem infraestrutura nenhuma. Vejo o remo na época mais disputado no Brasil do que agora, acho difícil fazer comparações entre gerações: “Fulano é melhor e beltrano é melhor”. Acho que cada época tem o seu momento. Em termos de disputa interna entre atletas na época em que eu era novo e treinava, porque eu continuei remando e parei e voltei, parei e voltei, parei e voltei, e parei de remar definitivamente com quarenta

⁶ Ângelo Rosso Neto.

⁷ Walter Hime.

anos. Então eu peguei muitas gerações e vi o remo, acho que como a maioria dos esportes do Brasil, definhando. O remo na verdade não deixou de existir muito por causa da categoria dos veteranos, que eles que enchem as provas dos campeonatos estaduais.

C.M. – Além do GPA e do Grêmio Náutico União teve mais alguma outra instituição?

O.B. – Remei no Vasco⁸ do Rio de Janeiro e também no Flamengo⁹. Em 1982 eu fui para o Vasco e ali eu fiquei e, na verdade, meu objetivo era ser o melhor do Brasil e eu precisava das condições. Eu não queria sair do União de Porto Alegre, mas o União é um clube muito cíclico e às vezes apoia e não apoia, tem o exemplo da Daiane¹⁰. Eles têm uma visão muito reservada porque é um clube que tem um potencial enorme pelos sócios e pelo conhecimento que têm no estado todo, mas não desenvolve nenhum esporte como poderia, pois ele poderia ser líder de tudo que é esporte. Natação é brincadeira, natação ele ganha aqui, ganha na quantidade, em tudo e qualquer esporte, porque tem um potencial grande. Então eu saía, quando não tinha apoio. A primeira vez o União tinha uma equipe forte de Junior¹¹, que era a minha categoria, e a gente ganhava dos adultos. Ganhávamos no cenário nacional e quando essa equipe estourou, ela estourou inteira e passou para adulto o União disse: “Não, nós não vamos apoiar”. E como eu já tinha desde julho o convite para ir para o Rio de Janeiro no Vasco e no Flamengo eu acabei indo para o Vasco. Uma escolha errada, mas enfim porque o técnico do Flamengo era quem mandava no remo no Brasil. Aqui eles faziam a cabeça da gente, era guri né, o Flamengo era o vilão e eu acabei indo para o Vasco. Foi uma trajetória mais difícil, porque eu tinha sempre que ganhar e mesmo ganhando como ele era o técnico, ele escolhia outros barcos. Apesar de me dar bem com ele... Enfim ele escolhia os barcos do clube dele e depois eu voltei para o União e depois para o Vasco novamente. Troquei as datas... em 1982 eu fui para o Vasco e em 1985 o União resolveu retomar uma equipe mais forte e resolveu me trazer. Na época eu remava com o Fernando Fantoni que foi para uma Olimpíada também, não sei se vocês já o entrevistaram, ele foi na Olimpíada de Seul em 1988. Eu disse que voltava se viesse o Fantoni e o técnico que nos treinava que, era o técnico do Vasco, Arnaldo¹², e fizemos uns

⁸ Club de Regatas Vasco da Gama.

⁹ Clube de Regatas do Flamengo.

¹⁰ Daiane Garcia dos Santos.

¹¹ Categoria Júnior, até 18 anos.

¹² Arnaldo Brant Corrêa.

contatos e veio o barco e o técnico. Fizemos um treino forte para o Mundial em 1985 a gente foi ao mundial na Espanha e foi essa competição que a gente foi três dias antes e ficamos um mês lá. Ficamos em 7º e chegamos três dias antes e tivemos que montar um barco lá, uma engembração, ficamos em 7º lugar e o pessoal achou o resultado ruim. Hoje quando o pessoal fica em 12º, o pessoal faz uma festa, mas enfim... Em 1986 já adaptados, fizemos um trabalho muito forte, que era visando o Mundial, que é difícil de falar, porque não aconteceu. Mas provavelmente que a gente ia ter um resultado bom, finalista sim e eu digo com certeza, acho que seríamos medalhistas no Mundial. Eu fazia faculdade ali no IPA¹³ e a gente treinava de manhã e de tarde, manhã e de tarde, e eu fazia a noite e o pessoal não me dispensava das práticas, eu vivia gripado, porque estava sempre na chuva e no frio. A gente foi para o Rio e eu dei uma melhorada e fizemos tentativa de índice, ganhamos longe para caramba, fizemos um tempo muito longe. Fizemos o tempo que o barco que ganhou o Mundial fez e nós tínhamos os mesmos testes físicos do que eles, que os italianos, eu digo, eu e o Fantoni. Na volta para cá eu tive pneumonia e fiquei quinze dias sem treinar, tomando antibiótico, enfim, acabou e a gente foi e o Arnaldo não falou que eu tive pneumonia: “Porque se eu falar vão te cortar, cortar o barco”. E enfim foi um erro porque o nosso parâmetro era do Ronaldo e Ricardo e do Ângelo e do Walter e nos índices a gente atirava contra eles e como nosso barco era o mais rápido a gente dava um *red cap*¹⁴ para chegar junto, e no meio da prova já passava deles e ganhava. Abria tanto que eles ficaram em 5º, em uma prova e na outra em 6º. Então eu digo isso do resultado, nós no parâmetro estávamos andando mais do que eles. Mas ai acabou, o Arnaldo obviamente não assumiu nada e ficou por isso, se não me engano no relatório foi como se a gente não tivesse condições psicológicas de competir. Meio que “queimou” o barco e obviamente ficou complicado para gente, o nosso relacionamento com ele, mas ficamos até o início de 1987, por causa da nossa performance, mas a gente já era conhecido no Brasil. Mas o Vasco, o pai do Ronaldo e do Ricardo que era o técnico deles o Zé¹⁵, quando a gente estava indo para o Mundial, nos convidou: “Vamos remar lá no Rio, remar com os guris” e a gente acabou indo, porque a coisa não estava andando aqui no União e a gente acabou voltando para o Vasco, eu e o Fantoni. Ficamos lá em 1987 e 1988. 1988 foi o ano da Olimpíada... tenho que pensar um pouco porque tem tanta coisa que acabo misturando.

¹³ Rede Metodista de Educação do Sul, Instituto Porto Alegre.

¹⁴ Termo técnico do remo.

¹⁵ José de Carvalho Filho.

1988 a gente foi para Itália... [SILÊNCIO] Lá tinha o pessoal campeão mundial e o pessoal do Brasil foram alguns e lá ficou definido que não iam abrir índice para o *double*¹⁶ e ficou montado lá um barco um 4x100¹⁷ que era eu e o Fantoni mais outros dois caras que tinham ido para lá. Ai desmanchamos o barco, e teve um... Não quero entrar na “sujeirada” do remo e não estou com vontade de fazer isso, já fiz na outra entrevista... Acho que na USP¹⁸ e ali eu falei abertamente tudo, mas não vale a pena essas coisas, porque não muda a história e são coisas que aconteceram e tu acaba maculando o nome de gente que, enfim, fez o que sabia fazer na época, o que tinham para fazer eles fizeram. As pessoas às vezes não veem que uma atitude está mexendo com o outro, mas enfim... [SILÊNCIO] Desmanchamos o barco e... Pois é fica difícil de não falar... [SILÊNCIO]. Bom, desmanchamos o barco, aí voltamos para o Brasil e montamos o barco o 4x100, e começamos a treinar muito em cima da época do índice para a Olimpíada. O técnico que era o pai do Ronaldo e do Ricardo me convidou, porque eu era simplista, o que rema *skiff*¹⁹ que é o barco que todo mundo quer remar e quer ganhar e normalmente era o barco que eu me saía bem, que eu ganhava no Brasil. Mas era um barco que eu não treinava muito porque eu remava *double* com o Fantoni. Os brasileiros quem ganhava era eu, quando treinava um pouquinho e ganhava. Tinha um cara já remando para olimpíada que era o Denis²⁰ que é quem foi para Olimpíada, que é um remador muito grande e muito forte do Flamengo. Eu tava treinando há uns dois anos e lá na Itália o Vasco estava para comprar um barco e eu falei para o Zé: “Compra o *skiff*, porque o Vasco não tinha”. O barco do Vasco tinha uns 20 quilos e estava velho para caramba, “porque eu quero voltar a competir no *skiff*”, o barco do Flamengo era um barco novinho de carbono que tinha sido recém lançado e tinha 12 quilos, então, não dava nem para competir. Na volta ele disse: “Bandeira, esse 4x100, a gente remou algumas vezes, não vai fazer índice e se ganhar do Flamengo já é muita coisa, então, tu não quer ir para o *skiff*?” . Faltava uns dez dias, uma coisa absurda, porque eu não remava *skiff* desde o início do ano. Isso foi em abril, maio, sei lá, eu não me lembro mais das datas. Eu disse: “Zé, não tem tempo porque estão treinando há dois anos e por melhor que eu seja, os cara estão treinando com um barco super leve”. Ele disse: “Mas eu arrumo um barco emprestado”. Enfim não conseguiu o barco e eu fui

¹⁶ Nome da embarcação, com duas pessoas.

¹⁷ Denominação da prova, 100 metros com uma embarcação de quatro pessoas.

¹⁸ Universidade de São Paulo.

¹⁹ Barco com um remador.

²⁰ Denis Antonio Marinho.

para prova e disputamos a prova e o índice era 7,6 e ele fez 7,4 e eu fiz 7,4 e uns centésimos assim. No outro dia a mesma coisa a diferença de centésimos e até enfim aconteceram algumas outras coisas durante a prova que são as coisas que eu não quero comentar e no terceiro dia meu barco quebrou ao meio de tão velho e podre. O barco que eu saí fez o índice, entrou um cara mais velho lá e enfim fez o índice. E foi o barco que o Fantoni foi para Olimpíada. Eu fiquei para morrer e já em 1984, eu remava no Vasco também com outro cara mais velho, o Trombetinha²¹, e fizemos o índice para Olimpíada e não fomos porque o técnico era quem selecionava e ele selecionou os barcos do Flamengo para ir, apesar da gente ter feito o índice. Em 1989 eu me desentendi, não, em 1988 eu voltei a remar *skiff* e o Denis foi para a Olimpíada e voltou e teve as provas de *skiff* e eu treinando... O Vasco comprou um barco mais ou menos ali da Argentina, é bem melhor e mais leve do o que eu estava remando e comecei a ganhar as provas e acabei brigando com o Zé então fiquei remando com o Buck²², remando no Flamengo, mas competia pelo Vasco. Fui ao Sul-Americano com o remador do Flamengo... O José Raimundo²³ e ganhamos o Sul-Americano e fomos para a Alemanha em 1989, também a mesma esculhambação de sempre, e no fim a gente participou do campeonato, porque um dos atletas do peso leve foi antes, não sei porque, ele foi meio dia antes no voo e chegou lá não tinha ninguém escrito e o cara fez a inscrição, a gente já estava caindo fora ia todo mundo para lá e ninguém ia competir. Ficamos e o pessoal foi viajar pela Europa e eu fui para a Espanha, fiquei lá até dar o tempo da minha passagem para voltar. E disse: “Que isso, não é isso, eu quero ser campeão mundial me dedico treino, treino, treino...” E voltei para o Brasil e disse vou parar então. Parei cedo eu tinha 26 anos. Engraçado porque eu tinha 26 e a minha geração toda tinha 26 e o cara que depois foi, não me lembro, se na época ele era presidente da Confederação dizia que foi a última equipe que teve mais forte no remo. Ele dizendo que “você tem que parar porque vocês estão muito velhos”. Só que não tinha renovação nenhuma, porque não tinha gente, não tinha nada e o cara pressionando para todo mundo parar de remar e eu parei porque eu vi que o que eu queria não ia acontecer. Voltei para cá comecei a trabalhar e o Paulinho²⁴ que era o técnico do União, no final de 1989 início de 1990. Quando eu voltei da Alemanha eu parei, voltei para Porto Alegre, o Paulinho dizia: “Volta a remar, vem remar no União”. E em 1991 também. Ele montou

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Guilherme Augusto do Eirado Silva.

²³ José Raimundo Gusmão Ribeiro.

²⁴ Paulo César Parass.

um barco em 1991 que foi para o Pan-americano e disse: “Bandeira, se tu treinar um pouquinho a gente ganha e tem Olimpíada”. E me incomodou tanto que eu voltei a remar. A metade acho, que de outubro de 1991, voltei a remar e treinei aquele tempinho, então, montamos um barco para eliminatória de Barcelona²⁵ [SILÊNCIO].

C.M. – Nesse período antes da eliminatória para os Jogos Olímpicos, para conseguir ir para os Jogos tem algum momento que tu acha interessante?

O.B. – A minha carreira ... Eu tenho dois prêmios de melhor atleta do remo do COB²⁶, [SILÊNCIO], Brasileiros²⁷ na época era de dois em dois anos e eu ganhei treze no *skiff e no double*. Eu tive uma trajetória boa no remo parando e vendo ... [SILÊNCIO]. O que eu acho, que eu já falei, que eu e a minha geração foi muito mal aproveitada, porque a gente podia ter muito resultado expressivo para o Brasil. A geração que tinha, era uma geração forte de cara grande, forte, talentoso e gostava de treinar, a gente treinava muito. Treinava sábado e domingo na época dos treinos para Olimpíada e Mundial. Eu e o Fantoni treinávamos sábados e domingos de manhã e de tarde. Não tinha férias, eu não parava nas férias; era quinze dias e sempre férias ativas, porque se parasse muito o retorno era horrroso. Então minha carreira como atleta foi boa. Se eu falar todos os meus títulos e tudo que conquistei foi boa, foi expressiva assim, mas eu não consegui o meu objetivo que era ser campeão mundial e ter ido à Olimpíada, porque eu fui a Barcelona, mas não foi da maneira que eu queria ir, porque eu tive índice. Só para resumir um pouquinho, por exemplo, com 16 anos eu ganhava de quase todo mundo que era adulto no *skiff*, que era o barco que quase todo mundo queria ganhar e remar porque é individual. É só tu, então, tu não divide a glória com ninguém. Porque no fim o esporte é a glória, tu quer ser o bom e é isso mesmo. É lógico que tu tem que ter a humildade, mas na hora da prova tu quer ser o melhor e o barco é o *skiff*, que é um barco difícil, porque tu tem que ter um controle emocional, dedicação, porque tu está fazendo teu treino sozinho. Não tem ninguém para dividir toda a pressão, nada. Todo mundo quer a glória do negócio, mas a conquista é complicada e eu me dava bem nesse barco. Enfim, o que eu queria mesmo era ser campeão mundial e foi uma grande frustração para mim, se tu for ver: “Tu é realizado?”. E não sou

²⁵ Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992.

²⁶ Comitê Olímpico Brasileiro.

²⁷ Campeonato Brasileiro de Remo.

realizado nisso. Ter ido a Barcelona minimizou um pouco a frustração, porque desde cedo tinha condições, tem índice para ir e tem uma história ruim que eu estou cortando para vocês assim, porque todo esporte tem o lado bom e o lado sujo. Eu nunca fui muito de puxar saco, porque eu sempre treinei e ganhava para mim. O que importava era eu ganhar e não conseguia chegar lá e... Se tu me tratava bem e vinha conversar comigo, eu conversava contigo normalmente, mas eu não era político... E também não tinha ninguém que fizesse isso por mim. Então, o que eu fazia, treinava e ia lá e ganhava para o Vasco e esperava, por causa disso, o lógico, mas não é assim, infelizmente, não é assim.

C.M. – No período inicial você teve algum patrocínio em algum momento?

O.B. – Não, no inicial não. Até é ridículo, mas a primeira vez que eu ganhei alguma coisa foi em 1987. Eu remei aqui no União sem ganhar nada nunca até essa época. Em 1987 não, em 1982 quando eu fui para o Vasco que foi a primeira vez que ganhei alguma coisa, foi um salário mínimo, que era o que eu ganhava na época. Depois quando eu voltei para cá, que eu sai do Rio com patrocínio do BANERJ²⁸, que fez um projeto²⁹ que teve para Olimpíada de Seul, mas que foi ficando pelo caminho, foi se desmanchando, porque os caras roubaram tanto que... Enfim, eu vim para cá com patrocínio do BANERJ e recebi aqui o teto do salário que na época o União pagava. Isso do União até 1985, até voltar para o Vasco em 1987, mas é muito amador porque é muito pouco a gente sobrevivia ali daquilo, mas enquanto está praticando. Não é que nem o vôlei que o pessoal hoje consegue ter, pelo menos o pessoal que é da seleção, um retorno financeiro. No remo muito pouco, mas hoje me parece que está melhor em função dos projetos do governo, essas bolsas que com resultado tal, tu consegue tanto. Tem a Bolsa Atleta³⁰ e isso não existia e patrocínio era muito fraco assim não tinha muita coisa.

C.M. – No Brasil qual eram os estados mais fortes no esporte?

O.B. – Sabe que o Rio Grande do Sul foi sempre um bom formador de atleta de remo. E por justamente o União ser cíclico, às vezes, tinha hegemonia e a maioria das vezes não.

²⁸ Banco do Estado do Rio de Janeiro.

²⁹ Projeto BANERJ Seul 88.

³⁰ Programa Bolsa Atleta financiado pelo Ministério do Esporte.

Os fortes era o Rio de Janeiro, que pegava os melhores de cada estado do Brasil todo, e o Rio Grande do Sul e até acredito que seja assim. Na minha geração a gente conseguiu ganhar... Depois teve um período que eu estava aqui, que eu já tinha parado, antes de voltar de novo a remar, eu voltei mais velho com 36 de novo e nesse período o União formou uma equipe muito boa também, bons atletas da última geração assim. Agora está tentando formar, porque está um trabalho no União e no Brasil todo que eles tão tentando formar principalmente para a Olimpíada, estão fazendo uma força. O União formou em 1997 e 1998 uma equipe boa que ficou com a hegemonia do remo, mas hoje está lá no Rio de novo. Quem comanda é o Rio.

C.M. – Como você conseguiu chegar aos Jogos Olímpicos de Barcelona?

O.B. – Pois é. Eu tinha parado em 1988 teve esse episódio que eu contei pela metade para vocês e 1984 eu fiz o índice com outro atleta lá do Vasco e a gente não foi. Ficou uma frustração muito grande. Eu tinha voltado a remar em final 1991 e tu vê que foi um período muito pequeno, porque final de 1991 para 1992 assim não tem ciclo, mas enfim esse é o esporte no Brasil. A gente montou um barco que era um barco bom, mas não tinha material e pouco treino. Eu trabalhava e tinha a minha empresa e eu treinava uma vez por dia só, o outro que remava junto era dentista também. A gente treinava quando conseguia uns 15 quilômetros por ai, quando fazia por treino. Chegamos lá o Flamengo, o pessoal que competia treinava 25 km por treino, 50 km por dia que é o que tem que se fazer. No primeiro dia nos saímos e abriu um tanto dos caras, que para vocês terem uma ideia, nos fizemos um segundo no tempo dos 2.000 metros, um segundo melhor do que o tempo do barco que ganhou a Olimpíada, que foi o melhor tempo que já tinha sido feito e nós fizemos tempo melhor. Nós abrimos mais de 200 metros do segundo barco e isso não existe, mas daí, pouco treinamento, pouca condição física, porque chegou na metade da prova ainda demos uma levantada e ai acabou demos umas trinta remadas e terminou o barco a gente estava tão na frente deles que eles só nos alcançaram no finalzinho, chegaram acho que 2 segundos ou 1 segundo na nossa frente, mas o nosso barco morreu e ai no segundo dia não tinha recuperação, ácido láctico e não tinha recuperação presente. O barco do Flamengo foi selecionado porque fez o índice, a gente fez o índice também, mas eles baixaram mais. Essa competição foi no Rio. Vim para cá e então um dos integrantes do barco, um amigo meu, todos eles eram meus amigos de tempo, ele foi assassinado e o

técnico ligou para mim e perguntou: “Tu está treinando?”. Eu disse: “Sim” - estava fazendo uma manutenção - “estou treinando”. Então ele disse: “Tu fica quieto e não fala para ninguém porque eu vou te chamar para entrar no barco. Eu preciso de ti”. Eu já sabia que o Flavinho³¹ tinha morrido. Ele comunicou a CBR³² e me chamou e eu fui para lá. Cheguei lá e foi um horror porque todo mundo queria entrar nesse barco e na vaga. “Porque um cara do União e não do Flamengo?” Enfim, eu ainda era novo e tinha uma condição física boa e recuperei rapidinho fizemos testes e avaliação, uma semana de treino e meu teste do barco foi o segundo melhor. Bem próximo do primeiro, que era o Zé Raimundo³³. Fizemos um tiro na raia que é uma descida de raia e o barco fez o mesmo tempo que eles fizeram na época que a gente eliminou no índice e ficou, mas foi até eu chegar, até sentar no avião e foi uma briga porque eu tive tendinite, tive um buraco na perna, enfim, aguentei tudo ali e fui querendo pegar o lugar. Foi assim que eu acabei indo para Olimpíada. Por isso que eu digo que não foi da maneira que eu sempre quis, que eu acho que merecia, mas foi. Aplacou um pouco a minha frustração.

C.M. – No remo vai um barco só de cada categoria do país?

O.B. – Não. Depende da disponibilidade que tem de vagas. Hoje é, se não me engano, é pré-olímpico. Hoje está muito fácil ir para Olimpíada, no *skiff*, então se tu ficar em quarto lugar da América do Sul, que é ridículo... Tu remar e não ficar em quarto lugar na América do Sul tu pára de remar, tu não faz nada, é um retardado. É sério... Tanto que o cara que foi para a última Olimpíada, ele foi quatro vezes. No *skiff*, não que ele não tenha o time dele, mas ele está com quarenta anos ou trinta e poucos anos e ele vai lá tira 3º, 4º, enfim, não sei qual foi a classificação. É o Macarrão³⁴ que tirou e foi para Olimpíada e o resultado dele na Olimpíada não existe, mas enfim é um cara que treina e se dedica, tanto que ele tem quarenta anos, acho e estava. Agora já não ganha mais, mas estava ganhando do pessoal justamente por isso. Pela falta de renovação. Eu voltei com trinta e seis depois de parar por cinco anos e perdia no *skiff* para o Macarrão que era um cara que treinava. Para o Cabeça³⁵, que é um cara que remava, que é o atual diretor da Confederação e

³¹ Flávio Andrade Melo.

³² Confederação Brasileira de Remo.

³³ Nome sujeito à confirmação.

³⁴ Anderson Nocetti.

³⁵ Nome sujeito a confirmação.

provavelmente vocês devem entrevistar ele se não entrevistaram, porque eu acho que ele foi a Olimpíada, não tenho certeza se foi. O Alexandre³⁶ que para mim dessa geração era o melhor remador, era de Santa Catarina, era o melhor remador que teve dessa geração toda. Enfim, eu voltando a remar, depois de cinco anos parado, com 36 anos e perder só para três caras, é porque o nível do remo estava muito fraco, tanto que fui até os 40. Eu fui para o Mundial, fui convocado para o Sul-americano e eu ia para aquele Pan-americano de Santo Domingo³⁷. Eu parei de remar porque o meu cavalo caiu no meu pé, quebrou o meu pé quando eu estava indo, eu ia para o Rio e morava em Florianópolis, e eu ia levar os cavalos para um cara cuidar e, então, a égua se assustou e caiu e prensou meu pé e quebrou o meu pé, então eu parei de remar. Mas já estava difícil, porque eu treinava para aguentar a gurizada. Eu fazia o treino da manhã e quando eu chegava para fazer o treino da tarde eu estava destruído e os caras estavam novos. Era muita dor, muita coisa, então: “Chega não dá mais!” [SILÊNCIO]. Pois é não foi da maneira que eu sempre quis, que eu treinei e que era o meu objetivo, mas foi um alento.

C.M. – Como foi a competição, você estava em perfeitas condições na época?

O.B. – Eu estava bem fisicamente, mas estava emocionalmente abalado e os outros três também. Até porque assim, eles não tinham condições de ser campeões; o barco, antes de eu entrar, não tinha condições de ser. Mas o Buck fazia uma... Não sei se eles achavam que tinham, mas o Buck fazia uma promoção e sempre arrumava um barco para ser o campeão. Só que o Brasil não tem projeto, não tem apoio, não tem nada para ter um campeão olímpico. Quem é campeão olímpico é quem nada nos Estado Unidos, não aqui no Brasil apesar de que agora a natação está melhorando. O judô tem uma trajetória boa. Tem esse cara da ginástica olímpica que a gente não conhecia, mas o pessoal da ginástica conhecia ele, mas o público não conhecia e o cara foi campeão olímpico. Alguma coisa tem por traz e ele teve uma história ali, mas a maioria dos esportes não tem, o remo não tem. Então, tu não vai chegar e vai dizer que vai ter um campeão olímpico, não tem. Ele sempre fazia isso, ele dizia que o barco vai ser medalhista, enfim... Eles estavam pressionados e eu não me sentia pressionado porque, primeiro eu sabia disso e tinha essa visão, não sei se por não remar no Flamengo, mas eu pensava bastante, sempre pensei muito no remo, pensei no

³⁶ Alexandre Altair Soares.

³⁷ Jogos Panamericanos de Santo Domingo em 2003.

esporte e é difícil eu me enganar. Tem os resultados, porque as coisas não acontecem da noite para o dia. Tu não vai lá e dá uma beliscada do nada. Tu tens que ir participar, estar sempre... Enfim, chegamos lá e fisicamente estávamos bem, mas emocionalmente o barco estava mal. O resultado foi que ficamos lá em 12°. Achei até que o barco no Brasil remou melhor tecnicamente, estava mais concentrado, lá o pessoal meio que se desconcentrou. Ficou apaixonado pela vila³⁸, pela Olimpíada e pelos atletas. Esse é o problema de não participar do circuito, porque tu vai para competição e tu vê os teus ídolos. Eles são teus ídolos, mas na verdade eles são os teus adversários, tu não pode idolatrar o teu adversário. Tem que estar ali participando e sabendo o que o cara faz a cada remada, como adversários a gente se conhecia de todas as provas. Meus adversários, eu conhecia tanto que sabia o que o cara ia fazer, o que eu fazia e o que ele fazia depois e eu poderia correr atrás, na frente e eu sabia o que ia acontecer na América do Sul, mas a nível mundial não, porque não tinha esse intercâmbio. A gente era a visita, então, ficamos em 12° e é uma experiência boa, é o que a gente quer sempre, todo atleta quer ir à Olimpíada. Para mim foi muito bom e muito gratificante mesmo nessa condição, na que eu fui. Porque no fim eu encaro ter ido por mérito. Eu fui escolhido por mérito, na realidade eu fui escolhido pelo Buck pelo mérito que eu tinha e não foi na água, porque no fim era coletivo, mas tinha condições de estar no barco, tanto que de maneira infeliz eu acabei entrando no barco.

C.M. – Como era a estrutura tanto da vila olímpica como das instalações?

O.B. – Maravilhosa. Barcelona foi a única que eu fui, mas eu participei de campeonatos mundiais e tudo e só tenho elogios para organização de Barcelona na época até tinha. Hoje não existe mais parece, a gente conseguia alguns convites para algumas pessoas próximas entrarem na vila, ficarem na vila. Até o cara que foi técnico do União, por muito tempo o Contiere³⁹, ele têm uma escola de remo na AABB⁴⁰ hoje, ele era estudante aqui da ESEF⁴¹, já tinha se formado. Ele foi para lá para ver Olimpíada e ele dormia lá no quarto com a gente e revezava a cama, a gente pegava comida para ele. Isso eu acho que não tem mais, tu não consegue mais esse acesso. Mais muito legal. Muito bom. A gente ficou mais em

³⁸ Vila Olímpica.

³⁹ José Ricardo Contieri.

⁴⁰ Associação Atlética Banco do Brasil.

⁴¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Banyoles⁴² que foi a subsede e depois ficamos alguns dias em Barcelona. Mas muito bom. Muito bem organizado. As competições organizadas, horários certinhos e detalhes, no fim tu vai perdendo com o tempo, mas no fim não ficou marcado nada que pudesse dizer: “Tem que mudar isso. Não”. Lógico que cada vez mais com o tempo, com tecnologia, com evolução vai melhorando. É um caminho natural, mas para a época foi uma Olimpíada muito boa, muito legal.

C.M. – Têm mais alguma coisa dos Jogos Olímpicos que você queria registrar?

O.B – Não assim. Os Jogos têm dois lados eu acho. O lado da competição que é a disputa para vencer e o lado da confraternização que é no fim o reconhecimento. O pessoal fica todo mundo muito amigo, muito próximo; lógico que grupos, mas o pessoal faz uma confraternização muito grande é uma oportunidade de ter contato com atletas, que no fim são pessoas, que passam mais ou menos pelas mesmas privações porque no fim é uma carreira dedicada, mesmo que no fim não se tenha os mesmos resultados tu te dedicas a tê-los. Tu tem uma vida sofrida, não é sofrida é uma vida que tu opta e eu não bebia porque o meu objetivo era ser campeão... Festa a gente ia, saia, mas era tudo muito controlado porque o meu objetivo era ter resultado. Lógico que eu tive a minha vida normal, namorei e tudo, ia a festas, mas comparado com meu amigos assim...

[INTERRUPÇÃO NA ENTREVISTA]⁴³

A Olimpíada é isso, são dois momentos que são momentos da competição ali, que tu realmente se empenha, dedica e depois que tu confraterniza. É uma coisa muito legal, porque tu tem a oportunidade de ver os expoentes de tudo que é esporte. As diferenças dos atletas pelo apoio que tiveram, que no fim, as vezes, tu vê um cara que tecnicamente não é superior a ti, mas que no fim ele acaba tendo resultado melhor, porque ele teve uma trajetória toda voltada para isso. É uma diferença muito grande. A minha geração foi muito amadora, é muita tentativa e eu acho hoje ainda muito isso. Ninguém sabe nada, alguns esportes como a ginástica, para mim é o melhor exemplo, a ginástica artística que mudou ali, mudou o nome que era olímpica e agora é conhecida como artística. Esse pessoal ali como a Daiane. A seleção que acabou tendo resultado que tem o guri, esse do Flamengo o

⁴² Cidade da Espanha.

⁴³ Entrevistado atende ao telefone.

Hypolito⁴⁴ e a irmã⁴⁵ dele e tudo. Esse pessoal não conseguiu classificação para uma Olimpíada, eles eram 25º, vigésimo não sei o que, e trouxeram lá o ucraniano⁴⁶ para cá e dois anos o caras eram campeão do mundo, então, o que isso quer dizer isso? É o cara que saber fazer, sabe pegar o atleta... O potencial eles tinham, o talento eles tinham, o que eles não tinham era quem levasse lá. É isso que acontece aqui no Brasil, ninguém sabe, não tem um guia e continua não tendo. Não têm uma formação de técnico, que eu acho que é o diferencial, porque além de ter o técnico, também as confederações não são voltadas para o desenvolvimento, não vejo, com algumas exceções, mas a grande maioria não é voltada para o desenvolvimento do esporte. Não existe um projeto, como vocês tão fazendo aqui... Mas não existe um projeto para desenvolver o remo. É tudo no chute... Eu viajo o estado e o Rio Grande do Sul tem um monte de lugar para remar e não é só o remo, é canoa, qualquer coisa e não tem nada. Não faz nada. Imagina quantos caras gigantes, fortes e enormes que tem para poder remar e não tem como. A Olimpíada te proporciona isso, esse intercâmbio, pena que normalmente tu vai e não tem uma continuidade. Raro alguns esportes como o vôlei, o basquete mais ou menos, a natação, o judô esses são esportes mais sérios, mais orientados, não é que não sejam sérios, é que são mais orientados.

C.M – Qual a repercussão da sua participação nos jogos para sua carreira pós Jogos?

O.B – Nenhuma. Só pessoal, porque o momento foi final da minha carreira, eu fui com trinta anos e se eu tinha condições com trinta, com vinte e quatro muito mais. De retorno não tive, lógico que eu sou conhecido no remo, o pessoal assim: “Esse é o Bandeira”. Lá no Rio pode ter um pessoal mais novo que não me conhece, mas aqui o pessoal me conhece, sabe que eu sou o Bandeira. Mas eu não trabalho no remo. Eu remo, tenho meu barco lá no União e remo o remo olímpico, remo canoa havaiana⁴⁷. Até porque conhecer o remo, o esporte e ver o que é, eu fiz Educação Física... Não trabalhei, nunca trabalhei com o remo. Eu vejo os caras ensinando mal nas escolhinhas e acho que é o problema na maioria dos esportes. Nas escolhinhas são os técnicos e os professores, são instrutores que não tiveram uma experiência muito grande no esporte. Às vezes, eu falo isso e os caras dizem: “Mas tu pode ensinar...” E sim tu pode ensinar, mas tem uma diferença muito

⁴⁴ Diego Matias Hypolito.

⁴⁵ Daniele Matias Hypolito.

⁴⁶ Oleg Ostapenko.

⁴⁷ Tipo de embarcação.

grande quando tu vive. Esses dias eu estava remando e tinha uns caras que competem e remei com eles também e eu estava no barco remando e eles pararam e falaram: “Dá uma olhadinha para mim”. Eles iam competir no campeonato brasileiro alguma coisa: “O que tu vê no barco?”. Eu disse: “Estou no barco, então, não dá para ver muita coisa, na lancha é diferente”. E eles: “Dá uma olhada aí”. Aí passou uma ou duas vezes e eu disse: “A posição de vocês no barco está assim, então, vocês tem que ir mais para frente, tem que botar o finca pé assim”. E isso ai tu adquire com a experiência e isso tu consegue passar, mas tu tem que viver. A maioria dos esportes não é assim, tu tentou praticar ali um ano, dois anos e pronto vai para a escolhinha. É um cara legal, amigo do técnico, geralmente é o que menos incomoda. Um cara que foi cortado e parou de remar, esse cara que eu falei para vocês, o Alexandre... Nossa, o cara para mim realmente era um dos melhores que tinha no Brasil, um dos melhores potenciais, um cara excelente. Ele é meu amigo, mas ele é exigente, tu para treinar ele, tu tem que saber porque tu não ia lá falar algo e ele ia dizer: “Porque eu tenho que fazer isso? Se eu faço o que eu estou fazendo e ando mais?”. Era o único barco que ia ser campeão pan-americano do Brasil, eles iam ser campeões e os caras incomodaram tanto que ele parou de remar. Então esse é o nosso esporte. Tu tinha me perguntado o que trouxe e foi uma paz ter ido. De ter atingido um objetivo, não da maneira que eu queria, mas atingi um objetivo. Retorno financeiro nenhum, não trabalho com isto, não tenho nada. Na minha carreira chegou no momento tarde e até eu poderia ter continuado remando mais, aquela coisa, as pessoas, não sei se era medo, fizeram isso com a equipe do União em que os caras tinham trinta dois anos, trinta e quatro estavam velhos, mas ninguém ganhava deles e incomodaram tanto que o caras pararam, uns pararam e outros saíram. Os caras estão velhos? Sim, estão velhos, mas tu tem que ter o novo para ganhar. Tu vai ter um novo em melhores condições, se tu tem alguém para o cara se espelhar. Tu tem um resultado muito melhor na tua renovação, se tu tem gente experiente para te puxar.

C.M. – Com o que você ficou trabalhando depois da Olimpíada?

O.B. – Assim eu sempre tive negócios meus. Quando eu parei de remar eu vim trabalhar com um amigo que remou comigo numa confecção e em pouco tempo sai e montei a

minha. Fui crescendo com a minha esposa na época e tivemos duas lojas lá no Iguatemi⁴⁸ e outra aqui, ali na 24⁴⁹. A gente tinha a confecção e vendia aqui, vendia lá no interior então eu me separei e tinha voltado a remar. O pessoal do Flamengo ficou sabendo que eu tinha voltado a remar e me chamou para lá. Eu tinha ficado um ano remando, quando eu voltei a remar aqui no União, então, o pessoal do Flamengo disse: “Bandeira está remando de novo? Vem remar aqui com a gente”. E acabei indo para lá. Remei no Flamengo e fui para o Vasco e então fui para Florianópolis, tinha esquecido o clube de Florianópolis, remei um ano e pouco lá e foi onde eu parei de remar. Lá eu montei uma padaria, em Florianópolis, e não deu certo. Tive a padaria por cinco anos, mas lá é um mercado muito difícil. Vim para cá e hoje eu tenho uma distribuidora de produtos químicos e trabalho com isto. Sou distribuidor de uma empresa que vende no Brasil e eu sou distribuidor do Rio Grande do Sul.

C.M. – Você chegou a ser professor ou treinador?

O.B. – Não, mas cheguei a pensar em ser. Passou pela minha cabeça quando eu tinha vinte e quatro, vinte e cinco anos e ainda estava naquele negócio e depois eu vi que era uma coisa muito restrita, não é que seja restrita, mas é difícil de alcançar o meu objetivo. Porque o meu objetivo seria que o meu atleta fosse campeão mundial, campeão olímpico. Eu não vejo mudança e não vejo projeto para isso. Tu podia encabeçar, mas um só é complicado e eu dediquei a minha vida, grande parte dela, com um objetivo e eu não queria dedicar o resto para um troço que eu estava vendo que não ia adiante. Se tivesse um grupo, muita gente, que eu visse que ia dar para organizar, para fazer. O que aconteceu com o vôlei e o remo é mais ou menos a mesma coisa. Em 1980 aquela geração do Renan⁵⁰ deu um *boom* com a organização, com o presidente o Nuzman⁵¹ e teve todos aqueles problemas que todo mundo deve saber. Mas organizou o vôlei, que é uma potência, mas teve todo um respaldo e o remo não, tanto que entra presidente de confederação e sai e é a mesma coisa. A Confederação de Remo é metida em dívida até o pescoço e pagando sei lá, um milhão de não sei o que de ação trabalhista. Mas não, não pensei.

⁴⁸ Shopping Iguatemi em Porto Alegre.

⁴⁹ Rua 24 de outubro, em Porto Alegre.

⁵⁰ Renan Dal Zotto.

⁵¹ Carlos Arthur Nuzman.

C.M – Antes, você tem notícias das mulheres no remo, na época que começou até agora?

O.B – Tenho a minha irmã. Ela foi uma das primeiras mulheres campeãs brasileiras de remo. Na época, para elas era muito mais difícil do que é agora, porque o pessoal não gostava, não queria, no União, então, meu Deus! Não queriam saber de remo: “Remo não é para mulher”. Hoje em dia eles dizem: “Nossa!”. Hoje é mais tranquilo, mas a gente escuta os velhos, velhos mais velhos do que eu, dizer que remo não é para mulher. Era muito difícil para elas, mas teve alguns momentos que teve, não como hoje, praticantes, principalmente lá no Rio, aqui tu vê principalmente nos veteranos, o pessoal começou mais tarde a remar e tu vê principalmente isso no União, onde o pessoal paga a escolhinha e entra e rema, começa a participar do grupo. Tem a Fabiana⁵² que é campeã mundial de remo que faz um trabalho bom, é uma guria que treina muito. Rema no Flamengo e acho que agora ela está com uma menina um pouco mais nova do que ela, formando um barco para a Olimpíada que pode ser que dê resultado. Lá eu acho que tem bastante menina remando. Masculino já era difícil, então, o feminino na época era quase improvável tu conseguir alguma coisa. Para mim fica difícil de fazer uma trajetória pessoal do remo, porque tu falar de ti mesmo é uma coisa complicada porque parece que sempre tu é melhor que todo mundo e não, eu estou contando um lado, uma parte. Meus adversários sempre foram bons, não que eu fosse o melhor, eu me dediquei para ganhar. Essa parte, que eu falo, porque meus adversários sempre foram bons e são meus amigos e tudo, gente talentosa. A gente vive assim, eu poderia contar o lado bonitinho do esporte, mas sempre quando eu conto as coisas que acontecem, não vai mudar nada, mas o meu objetivo na verdade, é que as pessoas consigam, talvez com o tempo, ver que é necessário tu organizar mesmo, fazer projetos que desenvolvam um âmbito grande e que qualquer atitude que tu tenha em relação a um outro envolvido, dedicado, tu pode refletir na vida toda do cara. Nossa, o que eu vi, não só comigo, eu conto coisas ruins, mais eu acho que eu fui um dos privilegiados, porque eu tive amigos e pessoal que treinava, buscava e tentava que foram muito humilhados. Eu tinha um amigo que treinava lá no União, que o cara que treinava dizia: “Tu é um merda”. E como tu vai se dirigir para um aluno teu e dizer que “tu é um merda”? Tanto que o cara se achava um merda, porque, gurizada, todo mundo chamava ele de merda e ele era merda todo dia e essas coisas refletem e tu pode mudar isso. Tu pode

⁵² Fabiana Beltrame.

ter consciência. Eu acho que o esporte, não sei se tem muito haver com isso em questão, mas eu acho que o esporte precisa de todos os tipos de interessados ou de atletas do excelente, do bom, do medíocre, do ruim porque isso tudo faz o grupo. O ruim de vez em quando traz um que vai ser o excelente. Todos tem que ter a oportunidade de participar e, às vezes, tu vê as pessoas um pouco excludentes, elas excluem e tu não pode participar. É isso, eu poderia fazer uma história bonita para vocês e contar e ficar falando muitas coisas, eu cortei, fiz um resumo para vocês e coisas todas. Mas no fim o que o Brasil precisa é realmente uma organização séria em tudo, para não fazer na Olimpíada o fiasco que fez na Copa do Mundo⁵³. O pessoal tenta dizer que foi boa, mas não foi boa, não pelo resultado, mas em tudo. Eu viajo pelo estado todo e as cidades se prepararam para receber e não receberam ninguém, um ou outro que foram para lá, então o investimento que foi feito não teve retorno... Enfim não é só isso a Olimpíada no Brasil na minha opinião vai ser um fiasco. Como resultado e como infraestrutura.

C.M. – Então, Otávio, em nome do Centro de Memória do Esporte: muito obrigada!

[FIM DA ENTREVISTA]

⁵³ Referência à Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014.